

**CLARA CORBELHE**  
coleção de ensaio crítico galego

# Depósitos de ancestralidade

História crítica do realismo  
mágico galego

**Pablo Pesado**

EDICIÓNS  
*laiovento*  
**LAIOVENTO**

**CLARA CORBELHE**  
coleção de ensaio crítico galego

# Depósitos de ancestralidade

História crítica do realismo  
mágico galego

**Pablo Pesado**

EDICIÓNS  
*laioventó*  
**LAIOVENTO**

## Coleção Clara Corbelhe de Ensaio Crítico Galego

Assim que nom se chegue a um consenso regulamentar para a língua galega, as **Edicións Laiovento** respeitarão a escolha ortográfica de cada autor.

© Pablo Pesado  
© 2025, Edicións Laiovento, S.L.  
© Foto do autor: Andrés Currás

Via Pasteur, 26. Polígono do Tambre  
15890 Santiago de Compostela / Galiza / U.E.  
E-mail: [info@laiovento.gal](mailto:info@laiovento.gal)  
Local na Rede: [//www.laiovento.gal](http://www.laiovento.gal)

I.S.B.N.: 978-84-8487-749-3  
Depósito Legal: C 1845-2025

Tipo de letra  
Atlantica Serif, Marcos Dopico  
Staff Wide, R-Typography

Diagramação e desenho  
María Esther Bergua Orduna

Este libro é parte do projeto de investigación “Campo Editorial e Cultura Autónoma: Institucionalización e Industrialización do libro na Galiza (1978-2026)”, financiado na convocatória de *Proyectos de Generación de Conocimiento 2022* polo Ministerio de Ciencia e Innovación (MCIN) do Goberno da España, a Agencia Estatal de Investigación (AEI) e o Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER) (Proxecto PID2022-139351OB-I00 financiado por MCIN / AEI / 10.13039/501100011033 / FEDER, UE) (+ info: [www.livrogalego.net](http://www.livrogalego.net)).



Impresso em papel ecológico

A Greenpeace certifica que este libro cumpre os requisitos ambientais e sociais necesarios para ser considerado um livro “amigo dos bosques”. O projeto “Livros amigos dos bosques” promove a conservación e a utilización sustentábel da floresta, especialmente das florestas primárias, as últimas florestas virgens do planeta.

Papel certificado polo Forest Stewardship Council ®



Este libro nom pode ser reproducido, total ou parcialmente, em qualquer suporte, sem a prévia autorización do editor. Todos os direitos reservados.

## Pablo Pesado



Doutor em Estudos da Literatura e da Cultura pola Universidade de Santiago de Compostela. Investiga da perspectiva da sociologia de campos e dos estudos marxistas os procesos de perda de autonomia na literatura contemporânea, com especial atención à galega. Autor da novela *Gastrulación* (Boadicea, 2023).



# Índice

9	<b>Limiar</b>
11	<b>Introdução</b>
19	<b>Capítulo 1.</b> Onde, quando e como: breve história do conceito <i>realismo mágico</i>
57	<b>Capítulo 2.</b> Mediações: vias para a chegada do realismo mágico à Galiza
91	<b>Capítulo 3.</b> Um <i>Cien años de soledad</i> galego: <i>La saga/ fuga de J. B.</i>
121	<b>Capítulo 4.</b> Circuitos de geocultura exótica: o realismo mágico no campo literário galego
167	<b>Capítulo 5.</b> <i>O triângulo inscrito na circunferencia:</i> um simulacro para uma cultura “normal”
205	<b>Coda.</b> O que ficou do realismo mágico galego?
215	<b>Epílogo</b>
223	<b>Referências citadas</b>



## Limiar

A Coleção Clara Corbelhe de Ensaio Crítico Galego quer contribuir para a renovação do pensamento emancipatório da Galiza promovendo hipóteses analíticas, ferramentas metodológicas e casos de estudo inexplorados à nossa volta. A partir do compromisso com a qualidade e com o diálogo social, a Coleção Clara Corbelhe de Ensaio Crítico Galego quer facilitar a relevância da produção investigadora em ciências sociais e humanidades na Galiza, assim como aumentar a bibliodiversidade e a pluralidade de focagens e leituras críticas da nossa realidade.

*Depósitos de ancestralidade: história crítica do realismo mágico galego*, de Pablo Pesado, apresenta-se como uma obra fundamental para compreender os umbrais ideológicos da chamada Cultura da Autonomia galega e da sua expressão estético-literária. O livro propõe reconhecer a existência de uma verdadeira corrente de realismo mágico na Galiza, rastreando as suas origens na Europa de pré-guerra, o seu florescimento na América Latina e a chegada ao espaço galego no fim da ditadura franquista, num contexto de intensas transformações demográficas e políticas. Pesado descreve como essa estética acabou por se tornar hegemónica no campo da narrativa galega durante duas décadas, oferecendo uma obra que constitui, em suma, uma reflexão teórica e historicamente situada sobre as relações entre literatura e dispositivos de poder estatal na Galiza.



## Introdução

Não seria muito enganado dizer que este livro foi escrito contra uma frase feita. Uma que reaparece amiúde na conversa privada, em artigos jornalísticos, podcasts, discursos de ocasião e, infaustamente, também no espaço académico, especialmente nas intervenções que a partir do campo intelectual espanhol tentam defrontar a produção cultural galega. Refiro-me a esse *dictum*, não raro formulado com assombro e habitualmente para dar conta de uma raridade ou um sucesso sobrenatural acontecido na Galiza, que diz: “isso é realismo mágico galego!”.

A fraseologia de uma língua é um acúmulo que se forma com a precipitação das experiências históricas. A possibilidade de dizer “isso é realismo mágico galego” perante um evento surpreendente é a consequência de uma história muito mais longa que este livro tenta reconstruir. Na curta distância, essa expressão constitui a condensação e simplificação de uma hipótese extremadamente comum nas esferas públicas espanhola e galega a partir da década de 70. É a ideia de que a Galiza é um lugar em que as fronteiras entre a realidade e a magia não existem ou são muito fracas. Nas versões mais desenvolvidas, a porosidade dessa fronteira seria o resultado da grande longevidade e magnitude demográfica das sociedades agrárias tradicionais galegas, assim como da sua serôdia e incompleta modernização. Por efeito dessa circunstância, a Galiza conservaria uma “cosmovisão ancestral” partilhada por toda a sua população que a habilitaria para aceder ao sobrenatural.

Essa hipótese será denominada “depósito de ancestralidade” e a sua análise crítica é um dos núcleos de interesse principal deste livro. Apareceu ligada a uma outra de carácter puramente

literário: a de o realismo mágico ser a modalidade *natural* da narrativa galega. Na realidade, a primeira surgiu nos inícios como uma forma de justificar esta segunda – embora demonstrar isto vaia necessitar de um longo percurso argumentativo. Segundo esta tese que poderíamos denominar espontaneísta, Álvaro Cunqueiro foi o primeiro autor mágico-realista, o grande precedente galego do realismo mágico latino-americano. E teria sido capaz de sê-lo pola presença na sua obra dessa cosmovisão ancestral camponesa que, no fundo, não parecia muito diferente da dos povos originários da América Latina. A obra fantástica de outros autores galegos bem-sucedidos na Espanha, como Gonzalo Torrente Ballester, seria explicável por estes mesmos motivos. A pesar do carácter exotizante e da fraqueza epistemológica destas ideias sobre o carácter espontâneo e precursor do realismo mágico galego, resultáram plausíveis durante décadas e ainda hoje encontram certa aceitação em entornos académicos e investigadores.

Este livro tem como objetivo enfrentar as hipóteses anteriores através de um labor de historização crítica que desbaste a sua tona banal e traga à luz a sua complexa multifuncionalidade nos campos literários e políticos galego e espanhol. Esse “realismo mágico galego” vulgar ou ingénuo foi um instrumento de promoção literária e de dominação política suave durante várias décadas, ao longo das quais serviu a causas e agências muito diferentes. Durou no tempo – e ainda dura na nossa fraseologia, e não só – porque resultou capaz de satisfazer distintas necessidades contextuais em cenários novos.

Idealmente, o resultado idóneo deste livro não seria a abolição desse sintagma volátil, “realismo mágico galego”, mas uma especificação e tecnicização do seu uso público. Não existiu uma corrente literária espontânea comum à Galiza e à América Latina, mas existiu um fenómeno multidimensional de importação, interpretação, consagração e produção de textos narrativos cuja origem última fica na popularidade internacional adquirida pelas ideias de Alejo Carpentier e os textos de Gabriel García Már-

quez a partir do chamado *boom* da literatura latino-americana por volta de 1963. Embora aqui se vá falar de múltiplos textos como mágico-realistas, deve ficar claro que o que quer dizer essa etiquetagem aqui será: textos que emulam direta ou indiretamente a poética latino-americana e que fazem parte desse “fenómeno multidimensional” que referim. O uso de “realismo mágico galego” neste livro abrange os planos literário, político e económico porque no seu próprio desenvolvimento histórico pertenceu a todos três.

Na medida em que o realismo mágico foi sempre uma criação instável no significado, altamente metamórfica e disposta a se hibridar com novos vocabulários, agências e interesses, o roteiro proposto por este livro é radicalmente temporal. É uma história crítica desses momentos evolutivos, assim como uma análise das causas imediatas de cada um deles. Começa, no primeiro capítulo, com um olhar panorâmico pela história da categoria, das suas origens no contexto alemão do século XIX até a sua internacionalização e estagnação global nos anos 80 e 90 do XX, com uma longa paragem na América Latina. No capítulo 2 é detalhada a sua chegada ao campo literário espanhol a partir do *boom*, pois foi nele, paradoxalmente, onde foi fraguada a expressão “realismo mágico galego”. O capítulo 3 constitui o primeiro caso de estudo do livro, em que tento compensar a carga sociológica e extratextual da minha leitura com um momento hermenêutico: uma leitura de *La saga/fuga de J. B.* (1972) de Gonzalo Torrente Ballester. No capítulo 4 o olhar aponta exclusivamente para o campo literário galego a partir da transição espanhola para a democracia e, sobretudo, da articulação da Galiza como Comunidade Autónoma. O capítulo 5, por último, é um segundo caso de estudo: *O triângulo inscrito na circunferencia* (1982) de Víctor F. Freixanes.

Em vista desta sinopse, não seria impossível ficar com a ideia preliminar de que uma parte importante deste livro, aparentemente sobre literatura galega, acontece fora da Galiza. Seria uma ideia certa; até mais, é um compromisso metodológico

deste livro: a Galiza só pode ser compreendida se contextualizada na rede internacional de fluxos, trocos e conflitos de que inevitavelmente leva muito fazendo parte. Isto implica renunciar ao consolo de uma autoctonia radical, mas oferece a troco uma imagem mais fiel – e também bastante mais complexa – do nosso lugar no mundo. Qualquer investigação que se sinta fiel do programa da teoria crítica – e esta fai-no – deve possuir um horizonte politicamente transformador; mas, ao mesmo tempo, não pode permitir que esse horizonte lhe impida conferir a realidade do seu objeto.

É o mesmo motivo que explica que “realismo mágico galego” seja indistintamente aplicado aqui tanto a textos em galego como em castelhano – a pesar de que nalguns momentos me veja obrigado a especificar. O nacionalismo metodológico que ainda articula uma parte importante dos estudos literários galegos pode por vezes conseguir deitar uma imagem de autonomia político-literária através do chamado “critério filológico”, mas é só à custa de velar o conflito e a dominação no presente. O resultado é um simulacro de autonomia, e não a autonomia em si – uma confusão, aliás, sobre a qual este livro se debruçará em várias ocasiões. Detetar as formas sofisticadas mediante as quais a dominação se traduz em cultura exige um olhar desacougante, por vezes cético, ao próprio fenómeno estudado, quebrando o pacto de amor entre sujeito e objeto que costuma caracterizar isso que alguma vez foi chamado de filologia.

Gostaria de terminar esta introdução achegando um duplo contexto. Em primeiro lugar, um contexto, digamos, textual: este livro procede de uma tese de doutoramento dirigida polo professor Arturo Casas e defendida perante um júri composto polas professoras Helena Miguélez-Carballeira, César Domínguez Prieto e Olivia Rodríguez González. Trata-se de uma reescrita funda desse trabalho académico com o objetivo de o achegar a públicos alheios aos âmbitos da teoria da literatura e da literatura comparada. Esse labor consistiu numa muito notória redução da longitude inicial, o que permitiu suprimir uma grande quan-

tidade de redundâncias e circularidades próprias do formato, que exige a rememoração frequente dos argumentos prévios. O resultado é muito mais ágil, claro e sucinto. Três anos de distância permitiram eliminar muito do superficial e até incluir alguma evidência nova. Contudo, a redução também implicou sacrifícios importantes, a começar pelo aparato crítico (notas de rodapé e citações, especialmente as mais longas) e a seguir pelas cumpridas secções de discussão metodológica e teórica sobre nacionalismo e identidade nacional, hermenêutica e sociologia da literatura.

Entre essas perdas sobressai o terceiro caso de estudo da tese, o romance *Bretaña, Esmeraldina* (1987) de Xosé Luís Méndez Ferrín. Com a análise dessa obra pretendia-se engadir aos dous espaços socioculturais analisados – que poderíamos definir como o oficialismo cultural continuísta com o regime e o galeguismo autonomista em processo de institucionalização – um terceiro fundamental: o do nacionalismo marxista galego. Já no texto inicial, contudo, esse caso de estudo constituía mais uma exploração preliminar desse espaço, uma adenda, e não um ponto final. Dado que o argumento principal do livro concerne os usos do realismo mágico feitos de posições institucionais hegemónicas ou em processo de hegemonização, as hipóteses não necessitavam desse terceiro caso para conduzirem às conclusões finais. A análise da ambivalente e tensa receção da corrente latino-americana por parte do nacionalismo galego é uma tarefa fundamental para ampliar esta história, como também – mencionara-o o professor Domínguez na defesa de tese – o estudo do papel da migração galega na América Latina nalguns dos processos que serão expostos a seguir. Mas deverão ser exploradas noutra ocasião e talvez por outra pessoa.

O segundo elemento contextual que quero trazer tem a ver com a historicidade do próprio livro e das tomadas de posição que contém. Comecei o trabalho de investigação em 2016 e a escrita em 2018; terminei a versão final do manuscrito da tese de doutoramento em 2021. Durante todo esse tempo eu morava

na Catalunha. Quer isto dizer que a sua génese e desenvolvimento coincidiram no tempo e no espaço com o momento álgido do *procés* catalão, o referêndum de autodeterminação de 1 de outubro de 2017, a subsequente repressão dura – do encarceramento de lideranças à perseguição de pessoal da função pública e militantes – e a progressiva desativação do movimento independentista por parte do governo do PSOE e Unidas Podemos, com o concurso desse dispositivo imagológico – mas também policial – que é a *España plural*.

A articulação das hipóteses começou, enfim, num momento de elevada esperança política; o processo de escrita terminou com o pano de fundo de uma grande derrota coletiva. Não seria impossível conferir, em vários dos interesses e propostas analíticas deste livro, tentativas de procurar no passado respostas para um desolador presente em curso. Agora, situado neste 2025, parecem ter decorrido um par de décadas. Resulta-me difícil não sentir este livro como intervenção num confronto que já terminou. Ou, de uma perspetiva mais otimista, como posição num conflito que ainda está por chegar. Para bem ou provavelmente para mal, o carácter especular da história, que permitiu que a década de 1980 se refletisse na de 2010, talvez implique que as análises que aqui são mobilizadas vão ser úteis no futuro.

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao professor Arturo Casas o facto de ter sido para mim, mais do que um diretor, um mestre. As duas cousas parecem-se, mas não são o mesmo, e a segunda é hoje infrequente. Tem a ver com uma grande admiração intelectual e com a emulação consciente: sinto-me muito afortunado de poder ter experimentado ambas. Também ao Conselho de Redação do Espaço Clara Corbelhe, sem o interesse e impulso do qual eu teria obedecido decerto a minha natureza preguiçosa e deixado dormir o meu trabalho o sono dos justos. Em particular estou agradecido à Helena Miguélez-Carballeira, quem, para além de editora infatigável deste livro, fora já a sua inconsciente inspiradora, alá polo 2016, quando pola primeira vez lim o seu *Galicia, A Sentimental Nation: Gender, Culture*

*and Politics* (2013). Sinto-me também enormemente obrigado à equipa do projeto de investigação *Campo Editorial e Cultura Autonómica: Institucionalização e industrialização do livro na Galiza (1978–2026)*, e em particular a Roberto Samartim, o seu investigador principal: graças ao seu apoio levei avante uma consulta intensiva do arquivo hemerográfico para analisar a receção jornalística imediata do realismo mágico galego (pesquisa que a falta de tempo e meios me vedara na fase doutoral).

Gostaria de terminar este livro com um agradecimento enorme à minha família – a avó, o avô, a tia e o tio – que apoiaram emocional e, sobretudo, economicamente um processo de investigação que não tivo o apoio de nenhum financiamento formal. Muito especialmente a minha mãe e meu pai, autênticos mecenas durante anos, capazes de fazer ficar curto o conceito de sacrifício. Não haverá vida suficiente para compensar o seu longo esforço, mas espero que este livro lhes produza alguma alegria e lhes lembre o muito que os quero.